

A luz interior é a luz exterior

1º de julho de 2025

Querido leitor,

Shubh mês de Gurupurnima.

Entre as muitas dádivas que o tempo nos concede, uma delas certamente é que julho vem depois de junho. Esta é a minha conclusão, pelo menos, à medida que nos aproximamos do auge dos meses de verão aqui no Shree Muktananda Ashram. Acabamos de concluir nossa celebração do mês do aniversário de Gurumayi. Estudamos e praticamos *sadguna*, as virtudes. Desejamos paz com dentes-de-leão reais e fantasticamente imaginados. Refletimos sobre o que significa demonstrar *spashtatā*, clareza, em nossos pensamentos, palavras e ações.

Eu adoro celebrar meu Guru. Se dependesse de mim, provavelmente continuaria nossa celebração no mês seguinte, e no próximo, e no próximo. De certa forma, porém, meu desejo foi atendido. Porque depois de junho vem julho — e em julho (ou, mais especificamente, no mês lunar de *Ashadha* no calendário indiano, que geralmente corresponde a julho) celebramos Gurupurnima.

Este ano, Gurupurnima acontecerá em 10 de julho. É quando a lua atinge a plenitude. E sua perfeição, sua completude e luminosidade simbolizam a relação Guru-discípulo. Um dos motivos pelos quais sempre me senti atraída por Gurupurnima, uma celebração com origens na Índia antiga, é que ela foi iniciada por discípulos. Foi a partir do amor dos discípulos pelo Guru, do reconhecimento do que o Guru lhes havia concedido e de sua gratidão por essas bênçãos, que esta celebração anual do Guru surgiu.

Muitos milênios depois, conforme nos preparamos para celebrar Gurupurnima no caminho de Siddha Yoga, me peguei refletindo sobre o que significa ser um discípulo nos dias de hoje. É claro que, assim como o conhecimento que o Guru transmite é eterno, a essência da relação Guru-discípulo também é imutável. Também não é novidade o fato de que a vida neste mundo é desafiadora. Aqueles “dias felizes de outrora” que às vezes gostamos de evocar, quer tenham ocorrido há dez, vinte ou cinquenta anos, foram provavelmente mais difíceis e cheios de nuances do que lembramos. Afinal, a natureza dos seres humanos sempre foi a mesma — nossa incrível capacidade para o bem e nossa igualmente forte suscetibilidade à distração.

O que distingue a época em que vivemos é que os meios pelos quais podemos nos distrair aumentaram em número e complexidade. De muitas maneiras, nossa atenção se tornou difusa — ou, pelo menos, é mais fácil ela se tornar difusa. E essa dispersão da nossa atenção coletiva leva à divisão, até mesmo à discórdia. Pode ser difícil manter a unidade quando todos estão dizendo coisas diferentes, ouvindo coisas diferentes, alegando querer coisas diferentes.

Diante desse contexto, sinto-me profundamente consciente — e tenho certeza de que muitos de vocês sentem o mesmo — do privilégio e da responsabilidade que temos em seguir o caminho mostrado por Shri Guru. E sinto-me profundamente grata por *ter* um Guru — que, por alguma combinação de destino, bom carma e a previsão da minha família de seguir o caminho de Siddha Yoga, fui trazida até aqui, aos pés de meu Guru.

Neste ano de 2025, Gurumayi nos deu a Mensagem: *Faça seu tempo valer o seu tempo*. Ao refletir sobre o que significa encarnar o discipulado e a melhor forma de honrar meu Guru durante este mês de Gurupurnima, sinto-me determinada a retribuir o que Gurumayi me deu. Quero nutrir a *shakti* que Gurumayi despertou em mim — praticando sua Mensagem.

Uma maneira como planejo fazer isso é revisitando *Shri Guru Vachan*, os ensinamentos de Gurumayi do mês de Gurupurnima, alguns anos atrás. *Shri Guru Vachan* compreende nove ensinamentos de Gurumayi, cada um deles indicando uma ação específica que podemos realizar para aproveitar ao máximo nosso tempo. Como em todas as práticas que fazemos no caminho de Siddha Yoga, os efeitos são cumulativos e universais. Mudar e aprimorar nossa relação com o tempo provoca uma mudança correspondente em nossos relacionamentos com as pessoas e com o mundo ao nosso redor. Nós percebemos uma diferença, e os outros também.

Ao refletir sobre Gurupurnima e sua importância para mim como Siddha Yogue, chega um ponto em que minha mente parece tropeçar em si mesma. Pensamento e linguagem se dissolvem em uma emoção crescente — como um sentimento, mas muito mais. É amor. É admiração. É gratidão. É um amálgama maravilhoso de todas essas coisas.

Parte de ser um discípulo é expressar esse sentimento. Você não concorda? E não é porque isso pode ser uma prática prescrita; não é porque pode ser prudente fazê-lo. É porque é o impulso do coração. Esse afloramento de amor, de devoção, requer um destino.

Já escrevi antes sobre meu fascínio pelo ensinamento de Siddha Yoga de que Deus, o Guru e o Ser são um só. É um ensinamento no qual penso frequentemente à época de Gurupurnima, este dia sagrado dedicado a honrar o Guru e a *Guru-shakti*. Por um lado, não consigo acreditar que tenho a sorte de receber o *darshan* e os ensinamentos de um Sadguru. Será eternamente surpreendente para mim. Por outro lado, isso é a coisa mais natural do mundo! São tantas as vezes em que sinto a presença de Gurumayi tão perto de mim quanto meu próprio coração.

Ainda assim, por mais maravilhosos que esses vislumbres de unidade possam ser, eu também me identifico muito com o que os grandes santos-poetas da Índia, como Tukaram Maharaj, diziam. Mesmo depois de atingir a iluminação, esses santos oravam para sua divindade escolhida e pediam para manter algum senso de separação. Eles desejavam ser capazes de continuar adorando seu Senhor; eles queriam manter a dinâmica do discipulado.

Então, no que se refere à questão que eu trouxe ao longo desta carta — o que significa ser um discípulo e qual a melhor maneira de honrar o Guru —, existem muitas respostas. Eu falei sobre implementar os ensinamentos do Guru e como isso é um reconhecimento direto do valor que atribuímos às palavras do Guru. Além disso, nós podemos praticar *Guru-puja*, adoração do Guru. Podemos reservar um tempo para cantar o nome do Guru, para meditar no Guru, para anotar no diário nossas experiências do *darshan* do Guru. E podemos fazer algo que, tenho certeza, vocês já começaram a planejar: podemos participar da prática de *Guru-dakshina*.

Durante o mês de Gurupurnima, nós rendemos homenagem aos três Gurus da linhagem de Siddha Yoga: Gurumayi, Baba Muktananda (que foi o Guru de Gurumayi) e Bhagavan Nityananda (que foi o Guru de Baba). Portanto, parece adequado — e correto — que, no dia 21 de julho, observemos também outra ocasião auspiciosa que honra o Guru. É o Punyatithi Lunar de Bhagavan Nityananda.

O *punyatithi* de Bade Baba é o dia em que ele deixou seu corpo físico para se fundir com a Consciência que constitui este mundo. Somos lembrados nesta ocasião de que, embora, de algum modo, Bade Baba tenha deixado o mundo, ele também está vibrantemente presente. Sua graça é perceptível nas próprias moléculas da atmosfera.

A fase da lua no Punyatithi Lunar será minguante, um filete de luz como aquele que se diz repousar no cabelo do Senhor Shiva. Eu acho isso lindamente simbólico. A lua cheia, cujo *darshan* teremos recebido mais cedo no mês, ainda vai estar ali, atrás do seu manto negro aveludado. Não podemos vê-la inteira, mas ainda podemos testemunhar sua luz.

Deus, o Guru e o Ser são um só. A luz interior é a luz exterior. Não existe separação, mesmo que às vezes pareça existir — e mesmo que nós adoremos essa separação, já que ela permite uma expressão mais plena de nossa devoção. É uma perspectiva que nos deixa perplexos, não é? É filosofia mística. E a cada festividade que celebramos no caminho de Siddha Yoga, a cada nova oportunidade de relembrar e experienciar Deus, é também a essa verdade que retornamos.

Atenciosamente,

Eesha Sardesai

